

ETNOCONHECIMENTO DE BENZEDEIRAS E REZADEIRAS: resistência ao tempo e à tecnologia

André Boccasius Siqueira¹

RESUMO: Apresenta-se algumas possibilidades de valorizar o etnoconhecimento de benzedeadas e rezadeiras. O objeto deste texto são os rituais das inúmeras benzedeadas e rezadeiras. Objetiva-se refletir sobre o etnoconhecimento de benzedeadas no que se refere a suas rezas e seu saber etnobotânico. Este é um estudo bibliográfico. Traz reflexões sobre sua contribuição na sociedade, modos de benzer, conhecimento sobre plantas medicinais e sua adaptação no contexto social atual. Conhecimento este que resiste ao tempo e à tecnologia farmacológica. Conclui-se que elas são pessoas importantes na sociedade, cujos saberes podem ser socializados em escolas e outros meios de comunicação e divulgação eletrônico com o intuito de despertar o interesse de continuidade em crianças e adolescentes e, quiçá, em adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento popular. Conhecimento Empírico. Etnobotânica. Etnofarmacologia. Rituais.

ABSTRACT: Some possibilities are presented to value the ethno-knowledge of healers. The object is the rituals of blessing and praying fountains. The objective is to reflect on the ethno-knowledge of healers with regard to their prayers and their ethnobotanical knowledge. This is a bibliographic study. It brings reflections on their contribution to society, how to bless, knowledge about medicinal plants and their adaptation in the current social context. Knowledge that resists time and pharmacological technology. It is concluded that they are important, important knowledge can be socialized in schools and other means of communication and electronic dissemination.

KEYWORDS: Popular knowledge. Empirical knowledge. Ethnobotany. Ethnopharmacology. Rituals.

INTRODUÇÃO

Este texto está interligado ao projeto de pesquisa intitulado “Benzedeadas no/do Litoral Norte do Rio Grande do Sul”, coordenado por este pesquisador. O título apresenta os termos etnoconhecimento e benzedeadas/rezadeiras. Medeiros e Albuquerque (2012) denominam que etnoconhecimento

são saberes de vivências e experimentações por povos (indígenas, afrodescendentes, caiçaras, comunidade rurais ou até erveiros, por exemplo) e são repassados essencialmente de forma oral e de geração para geração. São dinâmicas, usuais e ainda permitem processos de adaptação, alicerçando em valores e crenças intensamente radicados no cotidiano saber-fazer. (MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2012, p. 34)

¹ Doutor em Educação. Docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Departamento Interdisciplinar. Vice Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular: direito, políticas e processos educacionais – GIPEJA/CNPq/UFRGS; Membro do Grupo de Pesquisa Análise e Planejamento de Paisagem e Educação Ambiental – AnPAP-EA/CNPq/UNISUL. Endereço eletrônico: andre.siqueira@ufrgs.br.

Os saberes empíricos de um grupo são considerados como conhecimentos populares. Estes são necessários para que uma população restrita viva melhor, para amenizar suas dores físicas e espirituais. São adquiridos com muita empiria e passados de geração em geração. Neste texto tais saberes estão representados na figura das benzedeadas e das rezadeiras.

BREVE HISTÓRIA SOBRE AS BENZEDADAS

Quando se fala em benzedeadas, refere-se à cultura popular, se está entrando em uma seara de muito simbolismo e religiosidade. As benzedeadas são atores sociais muito importantes em nossa sociedade contemporânea, como já foram no passado. A presença de saberes populares, saberes não oficiais ou aqueles desconsiderados pelas elites, datam desde antes da criação do cristianismo, entretanto, foi a partir dele que as orações aos deuses tornaram proibidas e hereges pelos governantes. Naqueles tempos a população deveria rezar para apenas um Deus. Orações pagãs foram, então, desaconselhadas e, no entanto, disseminadas por “toda a civilização” como forma de resistência às imposições dos regimes religiosos oficiais nas comunidades organizadas. Embora já havia habitantes nessas terras, referências bibliográficas apontam que as orações pronunciadas são de origem portuguesa. Tais orações chegaram ao nosso território através dos europeus, sobretudo os portugueses, espanhóis, ingleses, franceses, holandeses, para citar algumas nacionalidades que enviaram cidadãos para “habitar” o novo país. Embora este já era habitado por uma civilização não europeia. De lá pra cá, muito conhecimento empírico foi criado nas comunidades tradicionais e nas comunidades, principalmente na rural. Conforme a população ia crescendo, as benzedeadas também iam sendo reivindicadas e respeitadas. Quando da imigração de médicos, a ciência oficial começou a tomar espaço cada vez maior no que se referia à saúde dos habitantes dessas terras. Adquiriram respeito e a quantidade desses profissionais aumentou consideravelmente.

Na atualidade, no Brasil do século 21, com o deslocamento das pessoas do campo para a cidade, trazem uma bagagem cultural bastante grande, a qual é vista com muito valor curativo e, ao mesmo tempo, com algumas ressalvas. É um exemplo desse fenômeno a presença das benzedeadas, rezadeiras, raizeiros, ervateiros, parteiras no meio urbano, na

periferia² e ainda no rural. No rural, também colocavam ossos fraturados e quebrados no lugar, atuavam como massagistas, enfim, realizavam diversas atividades que hoje consideramos ser da área da saúde e também espirituais na comunidade em que estavam/estão inseridas.

As benzedeadas são pessoas que têm uma enorme ligação com a natureza e uma sensibilidade energética bastante grande. São pessoas com consistente fé no transcendental. Elas atuam num espaço de resistência e de representação em que podem ser consideradas como as curadoras de enfermidades físicas e espirituais. Seus gestos, objetos e rezas simbolizam toda sua magia para promover a melhora daqueles que as procuram. O sujeito agraciado com sua benção também é alguém com muita fé e confiança naquele ritual. Ao pesquisar sobre este tema, Albuquerque (2004b, p. 5) assevera que elas levam “auxílio e alívio às pessoas necessitadas”, às pessoas que as procuram, geralmente são da mesma comunidade. A fama de algumas é tão grande que recebem pessoas de outras localidades e até mesmo de estados diferentes.

ETNOCONHECIMENTO DE BENZEDEIRAS E REZADEIRAS

As benzedeadas estão presentes em todo o território nacional desenvolvendo seus tratamentos com as pessoas que as procuram. Não basta ser benzido ou seguir suas recomendações para adquirir a cura ou melhora, é preciso acreditar nela através daqueles rituais e da fé. É uma forma de essas pessoas, geralmente senhoras³, promoverem um estado de melhora nos benzidos. A parte inteligível da prece é repleta de esperança. Além da prece há diversos rituais que caracterizam uma benzedeadas e os são diferem de outra, seja com reza acompanhada de algumas imagens como de Jesus, de Nossa Senhora ou santas e santos, ou de algum ramo de planta específica, cristais e geodos, água, entre muitos outros (MOURA, 2011; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015). O ritual tem especificidades da comunidade em que a benzedeadas está inserida pois, a utilização de uma pedra para um observador tem um significado, mas, para o ritual de benção tem outro, ou seja, o objeto “pode representar muitas coisas ao mesmo tempo” (BORGES et al., 2008, p. 244). Albuquerque (2004a;

² Segundo Silva, Grossi e Campanhola (2002, p. 46) a periferia é “formada por aquelas áreas formalmente definidas como urbanas, mas que dispõem da infraestrutura e serviços que deveriam caracterizá-la”. Muitas vezes a infraestrutura está mais para rural do que urbano, ou seja, poucos recursos.

³ Há benzedeados e rezadeados homens, mas são de pequeno número.

2004b), Sant'Ana e Seggiaro (2008) e Sant'Ana (2019) apresentam, em suas obras, um número grande de rezas populares proferidas pelas benzedeadas. Sobre a origem das preces populares brasileiras, Albuquerque (2004a) assegura que

não foram criadas, em sua grande maioria, no Brasil. Seu universo criativo foi Portugal. Encontramos textos similares no presente e no passado, em Portugal e no Brasil. O grande período de sua implantação e difusão foi no nosso período colonial, pois estão espalhadas em toda a extensão de nosso território, quando, então, as concepções religiosas católicas portuguesas somente competiam com as indígenas e africanas. O teor comum de muitas ou da maioria das orações portuguesas e brasileiras mostra que não poderiam ter se originado das religiões indígenas e africanas, porque suas bases eram outras (ALBUQUERQUE, 2004a, p.19).

Para o autor, portanto, as rezas portuguesas interferiram nas atuais, entretanto, os rituais indígenas e africanos estão presentes nos ritos atuais, o que não se descarta a influência das populações já existentes e agregadas à cultura nacional. Sant'Ana e Seggiaro (2008) e Sant'Ana (2019) enumeram que, além das rezas e remédios caseiros, a medicina oficial deve ser utilizada. Essa interação foi verificada na pesquisa de Lima (2020). Porém, por vezes, na tentativa de menosprezar o valioso saber das benzedeadas, algumas pessoas tentam menosprezar as suas ações, afirmando trata-se apenas de um folclore sobre tais pessoas. Quem estuda essa cultura popular ou já se fez usuário, sabe que os fazeres delas contribuem para a melhora do paciente.

Ao caracterizar os usos de plantas consideradas medicinais Danielli e Siqueira (2019, p. 136) asseveram que as benzedeadas são “conhecedoras das técnicas de fabricação de xaropes, infusões, pomadas, tinturas com vinhos e com álcool”. Na região do Nordeste brasileiro, os xaropes produzidos pelas rezadeiras são denominados de “lambedor”. Para fabricá-lo a técnica é a seguinte: cozer açúcar com a(s) planta(s) considerada(s) medicinal(is) até reduzir e ficar em uma consistência de xarope. Envasam, guardam e tomam aos poucos. Há também as garrafadas que “são compostos com raízes e ervas, às quais se junta a pinga, em preparações para males específicos.” (ALBUQUERQUE, 2004b, p.8). Além desses indicam a utilização de plantas medicinais, geralmente elas têm um herbário plantado em seu quintal ou compram nas feiras ou sabe quem as possui e não se importa em ceder algumas de suas partes e outras as capturam em seu habitat natural. No entanto, elas geralmente têm uma xaropada, garrafada, tintura ou outro meio de curar prontas para oferecer. Eles são preparados para a utilização do sujeito que a procura.

Todas as atividades são realizadas sem qualquer custo aos agraciados. Elas dizem que seu dom vem de Deus e "praticam a cura sem nada exigir em troca, estamos falando de altruísmo" (ALBUQUERQUE, 2004b, p. 138). Há algumas que aceitam presentes e doações de gêneros alimentícios ou somente açúcar para produzir outros xaropes. Um aspecto relevante é a estação da lua, pois alguns compostos são produzidos em lua específica, porque assim terá maior eficácia. Tratamentos também são eficientes em lua específica, bem como a colheita de ervas e a produção de infusões, garrafadas, xaropes e lambedor. Em diferentes localidades a presença de benzedeadas e rezadeiras são de enorme necessidade, sobretudo na área rural e na periferia, mas também na urbana. Outro aspecto também relevante para se considerar, é a religiosidade das benzedeadas. Não importando a religião que professam, contanto que faça o bem. Elas não perguntam também a religião do sujeito que as procura. Dizem que o importante é ter fé. Existem benzedeadas de diversas religiões, mas sobretudo professam religiões cristãs ou afro-brasileiras. Elas influenciam nas rezas, nos gestos e nas plantas utilizadas. O ato de rezar e gesticular necessita que a benzedeadas desenvolva e utilize sua intuição. Suas orações são poesias com rimas feitas na hora, de improviso, ou orações utilizadas em ocasiões específicas, consideradas rezas antigas, passadas de geração em geração, frutos da memorização e com sentido de resistência frente a religiosidade oficial. Desde quando elas existem, não se sabe com exatidão. Geralmente as preces são murmuradas ou ditas em voz alta. Dito de outro modo, as rezas não são as mesmas de benzedeadas para benzedeadas. São variadas. Cada uma incrementa ou subtrai um ou outro verso ou uma palavra. Entretanto, a essência da oração é a mesma.

Quanto ao horário de benzeção, não se concede após o entardecer. Deve ser respeitado o horário de descanso. Não se faz na ausência de luz solar. Por sua vez, ao sujeito que acredita e se beneficia desses ritos, tem uma importante recomendação: que o tratamento seja cumprido com rigor, no que se refere ao horário das rezas, indicadas como tratamento, e para tomar os medicamentos. Isso contribui para que o sujeito tenha disciplina em seu tratamento. São recomendadas rezas logo no final da benzeção, tanto "Pai Nosso" quanto "Ave-Marias". Os horários são estipulados antes de tomar o medicamento em diferentes ocasiões, conforme a enfermidade: quando despertar, ao alvorecer, ao meio-dia, ao sair de casa, ao chegar no local de trabalho, antes de dormir ou outro momento combinado no dia da benzeção.

Para cada situação vivida pelo sujeito tem uma reza específica. Aos beneficiados, as preces são salutares, isto é, são benéficas para o tratamento da saúde física e/ou espiritual.

Esta é uma forma sutil para reforçar a fé do sujeito, para entrar em sintonia consigo mesmo e com o transcendental. O vocabulário que as benzedeadas utilizam, geralmente é mais inteligível do que o da medicina oficial. Esse aspecto, no entender de Borges *et al.* (2008, p. 242) “facilita a relação terapêutica” com o sujeito que recebe a oração e as recomendações a serem seguidas.

Como afirmado acima, a oralidade é o meio de propagação das orações e dos rituais realizados pela benzedeadas em suas benzeduras. Desde jovem, ou quando de sua iniciação, a aprendiz em formação tem a tarefa de memorizar as rezas e ritos com a anciã ou ancião que lhe “escolhe” para sucedê-lo por afinidade. Escolhe no sentido de que a anciã sente aproximar-se a idade avançada e perder algum tipo de energia e transmite seus conhecimentos ao parente ou pessoa próxima que demonstra interesse em aprender tais ensinamentos. A esse é denominado de “escolhido”. O escolhido, muitas vezes, é aquela criança que imita o ato de benzer em suas brincadeiras e à medida que vai crescendo, vai aprendendo com os mais velhos. Sobre este tema, na pesquisa de Lima (2020), as benzedeadas não têm uma única fonte de aprendizagem. Elas buscam nas benzedeadas mais experientes sua fonte de inspiração e de conhecimentos. Nas palavras do autor:

a aprendizagem do ofício de benzeção não vem de uma única fonte, ou seja, uma única mestra com quem as rezas e jaculatórias para curar ao mesmo tempo. Tal percepção nos leva a supor que a aprendizagem é um processo lento e gradual, jamais acabado. Isso porque a benzeção, como qualquer outra prática cultural, está em constante renovação e transformação, fazendo com que estas terapeutas acrescentem novas rezas ou jaculatórias ao seu “acervo de benzimento” ao longo do tempo. (LIMA, 2020, p. 50). [grifos do autor]

Nos dias atuais, além da aprendizagem a partir da oralidade de formação das benzedeadas tradicionais, há outras formas de se tornar benzedeadas ou benzedor: “elas estão nos jornais, os meios de comunicação por excelência da modernidade” (ALBUQUERQUE, 2004a, p. 119). Além desses, também, em revistas e livretos ou opúsculos. Existem curso de formação de benzedores e benzedeadas via *web*. O sujeito interessado compra o curso. Este fica disponível para leitura, estudo e consultar quando necessário ou no material fornecido ou pelo aplicativo *WhatsApp*. São inúmeras propagandas e cursos oferecidos para tal formação associado a outras formas de tratamento como o xamanismo e o Reiki.

Voltando às benzedeadas tradicionais, suas histórias de vida se refletem nos tipos de modo de promover a cura. Algumas fazem indicação das plantas medicinais, outras de textos

bíblicos como os “salmos” (DANIELLI; SIQUEIRA, 2019). Trazem experiências para os rituais. Estas são necessárias para a cura de quem as procuram. Há quem teve uma visão de Nossa Senhora quando ainda jovem e, por inspiração, promove suas rezas em altar composto com a imagem de Nossa Senhora, um ramalhete de flores e um copo com água. Também indica banhos com ervas e ingestão de chás (SANT’ANA; SEGGIARO, 2008). As benzedeadas são pessoas comuns na comunidade. Têm seus afazeres como qualquer outra pessoa. Trabalham. Têm família para prover. Casa para cuidar. Nas horas de folga preparam seus compostos medicinais e entram em contato com o transcendental. Por vezes, criam compostos novos. Detêm conhecimentos etnobotânicos de plantas existentes na comunidade. No entanto, como elas sabem que determinada planta cura ou ameniza as dores? Acerca deste tema, no estudo de Medeiros e Albuquerque (2013, p. 129) apontam que hoje sabemos que a eficácia química é um dos fatores importantes, e também há que considerar “que uma mesma espécie encontra-se em regiões distantes entre si, é possível que processos de experimentação por tentativas e erros levem diferentes populações às mesmas conclusões sob a indicação terapêutica dessa espécie”.

Nas fórmulas de seus compostos colocam ingredientes não mensuráveis, tais como dedicação, conhecimento e, sobretudo, energias positivas. São entusiastas da vida. Distribuem energias e conhecimentos aos que lhes procuram. Promovem o bem na comunidade. Também realizam suas rezas, orações e preces para os seus em casa. Cultivam horta para a subsistência da família e plantas medicinais também para as necessidades da família e para a confecção de suas fórmulas. As plantas consideradas medicinais pela sabedoria popular estão presentes em quintais de muitas pessoas, inclusive aquelas que não têm quintais, como os residentes em apartamentos. Quando há alguma planta que não têm em sua residência, vão em busca em suas vizinhas e, ainda não encontrando, percorrem campos, matas e coxilhas até encontrá-la. Há aquelas plantas sazonais, que crescem apenas em uma estação do ano. Outras plantas têm folhas caducas. Utilizam estruturas como folhas, galhos, raízes, flores e frutos que são guardadas para alguma utilização no decorrer do período de escassez, ou armazenam sob a forma de infusões em álcool (uso externo) ou aguardente e vinho (para beber em doses muito pequenas).

O conhecimento de plantas consideradas medicinais está presente na medicina popular, detida, inclusive, pelas benzedeadas e erveiras. No entanto, são elas que, amalgamadas às rezas, fazem uso destas plantas ou para benzer ou adicionar a seus compostos etnofitoterápicos. Para exemplificar, há uma planta cujos princípios ativos

servem tanto para um quanto para outro fim. Refiro-me ao alecrim. Ela é considerada uma planta “com energia” e depuradora do sangue, entre outras utilizações. Dessa forma, Araújo e Aguiar (2014) asseveram que a benzedura é a “forma de restaurar o equilíbrio, conferindo sentido de vida aos atores sociais envolvidos”. Mutas energias são provenientes do transcendental canalizados por elas e das plantas medicinais.

Em seus compostos são utilizadas numerosas plantas. Elas são constituintes dos ritos apresentados pelas benzedeadas. O saber popular apresenta diferentes plantas e, as benzedeadas, objeto central deste texto, são os agentes dessa representação cultural. Em nosso país há um reconhecimento da presença das benzedeadas em todo o seu território. Por este motivo, nessa direção,

muitos remédios testados por essas mulheres foram perdidos, no entanto outros há, cujos usos na farmacologia atual são efetivos, entre os quais encontram-se os digestivos, como a camomila, os anti-inflamatórios e os analgésicos, dos quais a Beladona é um exemplo. (CARVALHO; BONINI; ALMEIDA-SCABBLA, 2017, p. 138).

Como formas de tratamento podemos enumerar diversos, dentre os quais:

Emplastos, chás com diferentes materiais e plantas exigem que elas os tenham ao seu alcance, por isso muitas acabam tendo nos seus quintais uma gama variada de plantas que elas mesmas cultivam por estarem consagradas há muito pela sabedoria popular como plantas de cura. (ARAÚJO; AGUIAR, 2014, apud CARVALHO; BONINI; ALMEIDA-SCABBLA, 2017, p. 136).

Em casos específicos, Araújo e Aguiar (2014, p.10) apontam que “para dores abdominais e limpeza do organismo trituram folhas de losna e deixam descansar em água, para depois tomar. De todas as formas, há sempre uma associação das receitas com práticas religiosas”. Destarte, algumas pesquisas apontam para o possível desaparecimento das benzedeadas, tendo em vista a dificuldade de encontrar alguma pessoa, da nova geração, para passar seus conhecimentos, para aceitar a iniciação e ser reconhecida pela comunidade como benzedeadas ou rezadeadas. Na pesquisa de Araújo e Aguiar (2014, p.11) apontaram que “a nova geração não demonstra interesse em seguir com a arte da benzedura. Contudo, a importância das benzedeadas para a sociedade reside na necessidade de se buscar soluções para curas, onde os médicos ainda são raros” e também onde há médicos e profissionais da saúde que respeitam o saber dessas senhoras.

Nesta mesma direção, corroboro com Cabrasl (1957, apud Albuquerque, 2004, p. 117) ao afirmar que antes que as benzedeadas desapareçam, é “preciso registrar o que ainda resta, que tudo isto pertence ao nosso patrimônio cultural”. Para os tratamentos realizados por benzedeadas radicadas na área urbana, Almada (2010, 49) aponta a utilização de “práticas contemporâneas como as de *new age* e *reiki*”, além das possibilidades de tratamento já mencionados anteriormente. As novas benzedeadas possuem alternativas de tratamentos variados. Não se utilizam apenas dos métodos tradicionais, adaptaram-se às novas possibilidades de ações. Trata-se de uma nova forma de vida que está associado a adaptação ao espaço social tanto rural e periférico quanto o urbano. Deste modo, permanecem como referência para tratamentos físico-energéticos (e por que não dizer espirituais?) e o bem-estar dos agraciados pelo ritual de benzedeadas.

Um dos modos de não as deixar desaparecer é incentivar novas gerações para aprender e manter as tradições das benzedeadas em nossa sociedade e nas futuras gerações. Faz-se isso levando esses saberes para a sala de aula, em todos os níveis de escolarização. Apresentando seus saberes etnobotânicos aos estudantes, levando essas pessoas para socializar seus conhecimentos, mesmo de modo simplificado e ligeiro, para que possa despertar o interesse em alguma criança, adolescente ou mesmo adulto. Siqueira e Pereira (2014) realizaram uma atividade de ensino para trocas de saberes intergeracional. O resultado foi considerado pelos pesquisadores como positivo ao despertar nos estudantes do ensino médio o interesse pela etnobiologia, especificamente a etnobotânica. Foi positiva sob a perspectiva das anciãs por se considerarem corresponsáveis pela educação escolar daqueles estudantes e dividir um pouco de seus saberes com as gerações mais novas. Sob a perspectiva dos estudantes, puderam aprender e despertar para outros saberes que não se faziam presentes em suas histórias de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, tratou-se nesse texto sob dois aspectos das benzedeadas: os tiruais de benzedeadas ou espiritualidade e a utilização de plantas medicinais. Para isso, a reflexão foi direcionada aos aspectos das benzedeadas e sua importância na sociedade em que está inserida. Trazem consigo vasto conhecimento empírico que não se mensura, tendo em vista a promoção de melhora das pessoas que as procuram.

Juntamente com as atividades econômicas das famílias brasileiras, há a necessidade de algum tratamento físico ou orientação espiritual. Esses são os principais papéis das benzedeiras e rezadeiras nas comunidades. A dispersão em opções alopáticas faz com que novas gerações não se interessem em conhecer ou mesmo dar continuidade às atividades na comunidade. No entanto, no início do século 21 há novas maneiras de se tornar uma benzedeira: aprendendo outras técnicas de tratamento de males físicos e energéticos - reiki – ou mesmo realizando cursos *on line*. Por sua vez, benzedeiras e raizeiros também socializam seus conhecimentos através de cursos e palestras, como ilustrou Almada (2010, p. 54) sobre as rezas e sobre a utilização de plantas consideradas medicinais. Hoje o cuidar das benzedeiras está entrelaçado com o cuidado profissional, à área da saúde como um todo. Na área periurbana as benzedeiras e as agentes de saúde trabalham juntos, como aponta a pesquisa de Lima (2020). Um complementando o outro e um dando suporte ao outro. Porém, há doenças que só as benzedeiras curam como, por exemplo, o mau olhado (*Id.*, p. 73). A presença das benzedeiras é uma forma de resistência social, em que suas produções culturais e seus rituais diferem das culturas dominantes ou oficiais. Grignon e Passeron (1962), ao discutirem sobre esse tema, asseguram que

A invenção dos valores dominantes é, todavia, um processo que se enfrenta sobremaneira demasiado sobre a ação da dominação simbólica para dar conta de tudo aquilo através do qual a cultura popular escapa da imposição da cultura legitimada (GRIGNON; PASSERON, 1962, p. 108) [tradução livre]

Resistir a imposição da cultura dominante é impregná-la de cultura popular, naturalizando-a. Um espaço para tal resistência e valorização do que se denomina por etnoconhecimento das comunidades escolares, é inseri-lo ao currículo oficial. Os saberes etnobotânicos são observados nesse espaço quando se promove a cultura *folk* (popular). Diante disso, a instituição escolar é um espaço encharcado de saberes dominantes e científicos, mas que, ao mesmo tempo, é um espaço aberto para a socialização de novas aprendizagens, tanto provindo dos estudantes, quanto dos docentes e da comunidade em geral. Poderíamos dizer que o saber escolar pode se tornar em uma mescla de saberes produzidos pela academia quanto pela população em geral.

É um desafio às equipes pedagógicas escolares promover projetos interdisciplinares de aproximação da escola com os demais entes sociais da comunidade escolar. Acredito que a instituição escolar possa ser um espaço social para despertar nos jovens o interesse pela

arte das benzedoras, das rezadeiras e das erveiras e raizeiras. Acredita-se que os rituais das benzedoras e rezadeiras possam ser aprendidos e apreendidos com o intuito de permanecer na cultura popular, contribuindo para a manutenção do etnoconhecimento. Que persistem aos modos de viver do presente e do porvir.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Orações & rezas populares. Porto Alegre: Rigel, 2004a.

_____. Para benzer tudo & todos. Porto Alegre: Rigel, 2004b.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de (org.). Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas. Recife, PE: NUPEEA, 2013. p.127-145.

ALMADA, Emmanuel Duarte. Sociobiodiversidade urbana: por uma etnoecologia das cidades. In: SILVA, Valdeline Atanazio de; ALMEIDA, Alyson Luiz Santos de; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de (orgs.). Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas & Natureza na América Latina. Recife, PE: NUPEEA, 2010.

ARAÚJO, Júlio dos Santos; **AGUIAR**, Rodrigo Silas. As benzedeadas no assentamento Itamarati 1. Anais do ENEPEX, 8º ENEPE UFGD e 5º EPEX UEMS. 2014. Dourados, MS. 2014. Disponível em: <<http://eventos.ufgd.edu.br/enepex/anais/arquivos/296>>. Acesso em 29 dez. 2020.

BORGES, Moema da Silva; **SHIMIZU**, Helena Eri; **PINHO**, Diana Lúcia Moura; **ALMEIDA**, Angela Maria de Oliveira. O modo de cuidar na benzeção: saberes populares e racionalidade divina. REME – Revista Mineira de Enfermagem. V. 12, n. 2, p. 241-248, abr./jun. 2008.

CARVALHO, Sérgio Zanata; **BONINI**, Luci Mendes de Melo; **ALMEIDA-SCABBLA**, Renata Gimenez de. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal por benzedeadas/benedores e rezadeiras/rezadores de Anhembi e Mogi das Cruzes – SP. Revista Eletrônica Correlatio, v. 16, n. 2, dez. 2017, p. 133-152. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/229075816.pdf>>. Acesso em 29 dez. 2020.

DANIELLI, A.P.; SIQUEIRA, A. Saberes e histórias das benzedeadas no litoral do Rio Grande do Sul. In: FERREIRA, G.R. (org.). Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico]. Ponta Grossa, PR: Atena Editora. 2019. p.134-140. Disponível em: <<https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/19485>>. Acesso em 25 dez. 2020.

GRIGNON, Claude; PASSERON, Jean-Claude. Lo culto y lo popular: miserabilismo y populismo em sociología y em literatura. Madrid: Ediciones de la Piqueta., 1962.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marise T. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. Guaju, Matinhos, v.1, n.2, p.110-126, jul./dez. 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/M%20Le%20Salon%20Coiffeur/Downloads/45038-170574-1-SM.pdf>>. Acesso em 04 jan. 2021.

LIMA, Itamar da Silva. Benzedeadas - fé e cura no sertão: relações entre ciência, espiritualidade e saúde. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. Verbete: Etnoconhecimento. ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de (org.). Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife, PE: NUPEEA, p.33-34, 2012.

MEDEIROS, Patrícia Munia de; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. Padrões de uso de plantas medicinais por populações locais: o que pode estar por trás das nossas decisões? In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de (org.). Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas. Recife, PE: NUPEEA, 2013. p.127-145.

MOURA, Elen Cristina Dias de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias dos rituais de benzeção. MNEME – Revista de Humanidades, vol.11, n.29, p.340-369, jan.-jun. 2011. Disponível em <[file:///C:/Users/M%20Le%20Salon%20Coiffeur/Downloads/980-Texto%20do%20artigo-3752-1-10-20110805%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/M%20Le%20Salon%20Coiffeur/Downloads/980-Texto%20do%20artigo-3752-1-10-20110805%20(1).pdf)>. Acesso em: 04 jan. 2021.

SANT'ANA, Elma; **SEGGIARO**, Delizabete. Benzedeiros e Benzeduras. 3ª edição. Porto Alegre: Ed. Alcance, 2008.

SANT'ANA, Elma. Benzedeiros, Benzedores, Benzeduras. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

SILVA, José Graziano da; **GROSSI**, Mauro Del; **CAMPANHOLA**, Clayton. O que há de realmente novo no rural brasileiro. Cadernos de Ciência & Tecnologia, v. 19, n. 1, p. 34-67; jan./abr. 2002.

SIQUEIRA, André Boccasius; **PEREIRA**, Samira Martins. Abordagem etnobotânica no ensino de biologia. REMEA- Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 31, n. 2, 2014, p. 247-260. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4711/3092>>. Acesso em 02 jan. 2021.

VALENÇA, Márcio Mordes. DIS/TOPIAS URBANAS: relatos sobre a sociedade e a cidade do futuro (ou sobre a ILHA dos nossos sonhos). In.: **PEREIRA**, Elson Manoel; **DIAS**, Leila Christina Duarte (orgs.). As cidades e a urbanização no Brasil: passado, presente e futuro. Florianópolis: Insular, 2011. (p. 53-61).